

José Roberto Santos Neves

Que falta ele nos faz

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Ganhei de presente da cantora Waleska, a Rainha da Fossa, o livro "Tá Faltando ele...", de Paulo Roberto de Oliveira. Quem aprecia a música popular brasileira logo irá associar o título à "Naquela Mesa", a mais bela canção de amor de um filho pelo pai de que se tem notícia em idioma "brasileiro", como diria Noel. Mas nem todos irão atentar para os personagens desta criação: o filho e compositor, Sérgio Bittencourt, e o homenageado, Jacob do Bandolim.

Jacob, como se sabe, foi um dos maiores bandolinistas de todos os tempos, autor de "Noites Cariocas", "Assanhado" e "Vascaíno", entre tantos outros choros de fino trato. Sua obra antológica é objeto de estudo entre diferentes gerações de músicos, e pode-se dizer que está relativamente bem cuidada.

Mas o personagem principal deste relato é o subestimado filho, cuja produção vasta e caótica merece estudo mais aprofundado, para o bem da música, da poesia e do jornalismo. A vida de Sérgio Bittencourt tem os ingredientes típicos de um romance trágico: hemofílico, ele cresceu cercado de cuidados de saúde e consciente de que qualquer ferimento leve poderia lhe custar a vida. Aos 18 anos, foi expulso de casa pelo pai. Jacob jamais aceitou o comportamento liberal do filho e, quando este obteve projeção na TV, tornando-se mais conhecido do que o próprio pai, o diálogo entre os dois ficou ainda mais estremeado.

Sérgio seguiu sua sina, abrindo espaço a facção na música e no jornalismo, como um dublê de suas próprias emoções. Na música, exibiu seu lado doce, como em "Modinha", vencedora do Festival O Brasil Canta o Rio, em 1968, na voz de Taiguara. No entanto, como uma forma de autodefesa, escondia esse traço delicado e frágil de sua personalidade para expor a imagem do crítico desaforado, agressivo, que não admitia concessões àquilo que considerava como verdade. Foi assim, escrevendo o que pensava, e exercendo a liberdade de opinião em um país amordaçado pela ditadura, que ele comprou briga com mais da metade da MPB e até com os colegas de imprensa. Vejam o que ele publicou sobre Elis Regina, em "O Globo", no auge do sucesso de "Falso Brillhante":

- (...) É a respeito da fama de temperamental e mau-caráter que você, Elis, vem recebendo durante toda a sua carreira. Eu concordo: você é dessas pessoas que, um dia, diz boa tarde, no outro, nem boa-noite. Mas o público precisa saber que artista é gente feito a gente.

Assim era Sérgio Bittencourt. "Ele escondia as flores que desejava oferecer para todo mundo", traduziu Artur da Távola, dias depois de o colega de redação ter sido

José Roberto Santos Neves

levado precocemente por um enfarte, aos 38 anos, em 9 de julho de 1979. Mas - para nossa felicidade - ele fez questão de expor ao mundo todo o amor que sentia pelo pai, brindando o público com a obra-prima "Naquela Mesa". Empolgado com a força lírica e melódica da canção que acabara de criar, Sérgio telefonou de madrugada para o amigo Paulo Roberto de Oliveira, a quem teria confidenciado:

- O velho vai ficar puto lá em cima, mas eu vou ganhar dinheiro à custa dele.